

Velhas Casas

(FREG.^A DE S. JOÃO DE PONTE)

Casal da Ribeira de Cima

Privilegiado das Tábuas Vermelhas



Terra trabalhada, amarfanhada, ligada aos homens que nela vivem e a deixam aos filhos. Prazos da Ribeira de Cima, amarelados pelos anos, diluídos como quem os aforrou: um, de 1483, por Afonso Gonçalves e sua mulher Maria Afonso⁽¹⁾; outro, de 1536, por Gonçalo Martins. Vamos sentir o viver destas pedras, através das pessoas que nelas moraram, simples, com os seus bichos, alfaias e colheitas, na paz imensa e grandiosa do *pão nosso de cada dia*.

Ouvir, a 21-11-1589, repicar os sinos, quando num domingo, igreja cheia, casam dois filhos a Gonçalo Martins (filho do primeiro que nos apareceu?) com duas das filhas de Bartolomeu Afonso, do Casal da Porta⁽²⁾. Sonhar com eles; para o mais velho, que tem o nome do pai e que vai casar com Francisca Gonçalves, irá a Ribeira; para o segundo, Salvador, aí nascido, (baptizado a 29-11-1560)⁽³⁾, e para sua mulher, Ana Gonçalves, ficará a Porta.

Escutar na Porta o barulho de um rancho que nasce e cresce, e na Ribeira o silêncio dos lares sem filhos; até que um pequeno João, entregue pelos pais aos tios, vai alegrar-

(1) Livro de Emprazamentos da Colegiada de Guimarães. Arq. Mun. Alfredo Pimenta, Guimarães.

(2) Livro Misto n.º 2 da freg. de S. João de Ponte, 1.ª folha do Tittolo dos Cazados. Arq. Mun. A. Pimenta, Guimarães.

(3) Livro Misto n.º 1 da mesma freg., pág. 8. Arq. Mun. A. Pimenta.

-lhes a casa. Acompanhá-los a todos, de jornada a Guimarães, à Senhora da Oliveira, onde, em 1601⁽⁴⁾, recebem o Santo Crisma. Ver o João crescer, casar com Maria Gonçalves, filha de Gonçalo Rodrigues, do Casal das Courelas de Baixo, e Deus a abençoá-los com 12 filhos, nesta casa da Ribeira, já sua desde que os tios lha doaram em 6-3-1611.

Lemos a doação⁽⁵⁾ «que elles tinham recebido muito boas amysades e serviços de seu sobrinho Joam Martins, filho de Salvador glz morador no Casal da Porta da mesma freg^a Irmam delle dito g^o miz e em remuneração dos ditos serviços e porque asi os servia ha vinte e tantos annos e por outros gostos e outros respeitos e por não terem filha nem filhos que sua fazenda aja de herdar... o deixam por erdeiro quando Deus os levar da vida presente...». Deus leva a Gonçalo Martins em 18-10-1626.

Mas, porque não iremos, um pouco antes, a 1612, com os Reverendos do Cabido, fazer vedoria do casal que emprazam? Nele já encontramos por caseiros a João Martins e a Maria Gonçalves e com eles entramos⁽⁶⁾ «na casa sobradada de pedra colmada com porta para o norte de junto della pera o poente esta hua adegua defronte desta casa esta a cozinha e peguado com ella hua corte de gado e detras esta o quinteiro com duas cortes e hum pomar cerrado de parede sobre sy e tem uveiras e arvores de fruto».

Cá está a eira, o alpendre, e a casa onde vive Guiomar Gonçalves, irmã de Gonçalo e Salvador, casada com geração «quebrada que se desmembrou deste casal». Seguimos para poente e estamos na casa com seu pomar e horta, onde vivem, em usufruto, as tias solteiras: Isabel, Ana, Maria; mais campos, «auguas de huas fontes que nascem no inberno», terras de mato que se não medem, por espessas, muita folha a cair das carvalhas, e os anos a caírem também nas folhas dos livros paroquiais.

Em 1640, morre, na Porta, Ana Gonçalves; em 1648, Salvador; casam-se filhos, vão-se as tias solteiras, morrem criados e

(4) Livro Misto n.º 2 da mesma freg., pág. 40. Arq. Mun. A. Pimenta.

(5) Livro de Notas do Tab. Francisco Peixoto de Carvalho, ano de 1611, pág. 62 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Tombo de S. João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

a 13-2-1663⁽⁷⁾ «fallece João Miz da Ribeira cabeceira de Casal». Solteiro está um dos seus filhos, Gonçalo Martins, também cá nascido a 8-6-1614⁽⁸⁾. E não tarda mais uma vez o tanger alegre dos sinos quando, a 8-11-1669⁽⁹⁾, Gonçalo se recebe com Maria Francisca, também de S. João de Ponte. Seguimos a nova geração que desponta, correm os anos e Gonçalo Martins fecha os olhos a 12-12-1690⁽¹⁰⁾.

Seu filho mais velho, João Martins como o avô, empraza a Ribeira a 20-8-1693⁽¹¹⁾. Ela aqui está, já muito diferente «humas casas sobradadas colmadas com sua varanda e porta para onorte e mais outra casa terrea com hua sala que serve de Adega e tem caza cozinha defronte das cazas e hua caza que serve de lagar e hum quinteiro de gado e hua corte... e mais duas cazas terreas... defronte da heira e hum cortelho e huma heira defronte diante as portas das cazas que estão para o norte huas portas fronhas para honde se vem para o heido na borda da estrada e todo está tapado de parede».

Assistimos em S. Mamede de Vermil ao casamento de João Martins, a 31-1-1706⁽¹²⁾, com Maria Ribeiro, do Casal das Lamas, que traz à Ribeira o sangue dos Ribeiro Bernardes, patronímico adoptado por muitos dos da Casa da Portela, S. Jorge de Selho. Com eles renovamos o prazo a 27-4-1723. Mais tarde vamos com ele e seu filho João Ribeiro Bernardes (nascido na Ribeira a 5-12-1719)⁽¹³⁾ às feiras de Caldelas, onde a poeira entontece, as vozes discutem, e as vacas custam oito mil e oitocentos.

Corre o tempo. Estamos no último dia de 1757 «Falleceo Joam Martins Viubo de Maria Ribeira, do lugar da

(7) Livro Misto n.º 4 da freg. de S. João de Ponte, pág. 52. Arq. Mun. A. Pimenta, Guimarães.

(8) Livro Misto n.º 3 da mesma freg. Arq. Mun. A. Pimenta.

(9) Livro Misto n.º 4 da mesma freg. pag. 100 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(10) Mesmo livro, pág. 82 v.º

(11) Livro de Prazos da Colegiada, freg. de S. João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

(12) Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de S. João de Ponte, pág. 3 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(13) Livro de Baptizados n.º 1 da mesma freg., pág. 131. Arq. Mun. A. Pimenta.

Ribeira de Cima desta freguesia com todos os sacramentos exceto o da estremaunção por quanto lho quiz administrar, e elle disse q. quando foce preciso o pediria e levantandoce hum dia da cama quando o tornaram para ella sufucouce e nam ouve tempo de se lhe administrar foi enterrado dentro da igreja e fes testamento» (14).

Na Ribeira fica João Ribeiro Bernardes, já casado com sua prima Jerónima de Castro Salgado, da Casa das Courelas de Baixo, onde, como seu bisavô, escolheu mulher (casaram a 10-11-1743) (15).

Sofre então a casa uma hipoteca e mais tarde aumenta com meio quarto do casal do Assento, que João compra. Põe as suas esperanças na filha, Maria Joana de Castro Salgado, já que o filho, António Ribeiro Martins, morre rapaz, deixando de uma mulher de perto a pequena Maria, que na Ribeira cresce.

Quem poderá casar com Maria Joana, (16) que vinte e sete anos já conta? Gualter Ribeiro Bernardes, que ainda é parente? Não há uma criada de sua casa, que ainda em Janeiro deste ano (1775) teve um filho dele?

Mas, não é verdade que o pequeno cria-se longe, e que a mãe, com os cento e noventa e dous mil reis que recebeu, não incomodará mais? (17). Leva Gualter grande dote. Corramos as suas propriedades. Só em S. Lourenço de Riba Selho, o casal de Bouro de Cima, onde vive com a mãe viúva, a Boucinha, outro prazo foreiro à Rainha; lá longe, em Garfe, os casais do Pinheiro e da Veiga; em Gominhões o Prazo de Riba Rio; em Azurém a quinta da Veiga de Baixo; nas hortas do Prior, em Guimarães, um prazo privilegiado... A 31-5-1775 (18) vai Maria Joana para o Bouro,

(14) Livro Misto n.º 4 da freg. de S. João de Ponte, pág. 52. Arq. Mun. A. Pimenta. Guimarães.

(15) Livro de Casamentos n.º 1 da mesma freg., pág. 224. Arq. Mun. A. Pimenta.

(16) Nascida na Ribeira a 3-3-1748. Livro de Baptizados n.º 3, da mesma freg. Arq. Mun. A. Pimenta.

(17) Livro de Notas do Tab. José António Rodrigues, de Dezembro de 1774 a Junho de 1775, pág. 59. Arq. Mun. A. Pimenta.

(18) Livro Misto da freg. de S. João de Ponte que tem casamentos de 1751 a 1902 (incompleto) pág. 42 v.º Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

levando em dote a Ribeira e sessenta mil réis em peças de oiro.

João Ribeiro Bernardes e mulher continuam na Ribeira pois reservaram para si a « metade de todas as casas e cortes para seus sebados, ortas que lhe forem necessárias e lenhas da mesma forma e hum pedasso de Pasto para sua besta e terra para semiarem coatro alqueires de linhassa que semiarão onde melhor lhes parecer, e que os fruitos de são migel vindouro, partem com os futuros noivos, tirando p^a as Rendadas dos directos Senhores e metade das soldadas dos criados que há na Casa, pois outra metade pagarião os noivos » (19).

No Bouro, a 26-6-1776 (20), nasce o filho mais velho de Maria Joana: — Jerónimo Ribeiro Bernardes, Capitão das Milícias de Basto, cheio de rópia, esplêndido, alegre como o sol, que a 8-2-1796 (21) vai à Igreja de Fermentões buscar uma senhora da Casa de Minotes, D. Joana Maria de Araújo Martins da Costa. Tem nove anos mais que o marido, mas em Minotes há muito oiro reluzente e terras fartas que ajudam Jerónimo a sorrir à vida.

De legítima materna tem a Ribeira, e aqui o temos com a mulher, a nascerem-lhe nesta casa os sete filhos — « Casas sobradadas todas de pedra que ficam na parte do Norte para donde tem janelas, e tem por baixo sua Logea que serve de Adega e Lagar conjuntos para o Sul. Item em cima no sobrado tem portas por onde se sahe para hua varanda para a qual tem dous coartos hum para o Nascente outro para o Poente e são pintados de vermelho e da mesma varanda sabe hua escada de pedra para a cozinha terrea que tem no fundo della pegada nas mesmas cazas he para o Poente tem hua corrente de cortes de gado graúdo e meúdo e no meio de hua e outra tem um quinteiro com sua Lata com estojos de pedra forrado de parede para o qual se entra por huas portas ver-

(19) Mesmo livro de Notas, pág. 139 v.º.

(20) Livro de Baptizados n.º 2 da freg. de S. Lourenço de Riba Selho. Arq. Mun. A. Pimenta.

(21) Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de St.^a Eulália de Fermentões, pág. 49. Arq. Mun. A. Pimenta.

melhas, para o Norte he a Deveza desta casal, para o Sul se seguem leiras e hortas. . . » (22).

Joaquina Rosa, (23) José, Francisco, António, Luísa Ludovina, Ana Emília e Luís vão chegando à vida nestes quartos vermelhos, que dão para a varanda. Mas o Minho, aconchegado e verde, não basta a Jerónimo, que pouco antes de nascer o último filho abala para o Brasil. Chamam-no os cunhados de Minotes que lá estão solteiros, num engrandecer constante da sua opulenta casa. Finalmente à Ribeira torna, e aqui morre a 14-5-1827 (24). Repousa na Capela Mor da Igreja da Freguesia, e desce com ele o silêncio às árvores e caminhos.

Para Guimarães vão a viúva e os filhos. Zelam por estes os tios de Minotes, pois essa Casa não tem outros herdeiros. Fica a Ribeira para o mais novo, Luís Martins da Costa, Fidalgo da Casa Real, o que mais pequeno daqui saiu. Passam anos, vem a largos traços passar temporadas com os 12 filhos que tem do seu casamento com D. Maria Constança Pinto de Queirós Montenegro. Por aqui passeia, o mais velho, o José, no seu cavalo Dragão.

Ribeira, isolada do resto, escuros caminhos à volta, inquietos criados para recados. Noite de lua, lá vem um deles! Canta e assobia; para espantar o medo? Haverá salteadores por estas paragens?

Ei-lo que bate! Ei-lo que grita! — «Avram, avram depressa!» — É gente que o seguiu, pois, se ninguém houvesse, diria ele como o combinado — «Não avram»

— Corram a buscar o bacamarte, metam-no pela espingardeira da varanda, disparem-no rapazes!

Rezam aflitas as senhoras. Acaba a fuzilaria, ouve-se o fio de voz do criado — «Não avram». Toca a escancarar as portas; deixem entrar o lívido rapaz e contar a sua odisseia; dêem-lhe um copo de vinho!

É ao filho segundo, Eduardo Martins de Queirós Montenegro, Delegado do Procurador Régio em Baião, que os pais fazem doação da Ribeira. Juiz de Direito, Conselheiro e com salpicos bem fortes do avô Jerónimo, pensa em vender a

(22) Livro de Prazos da Colegiada (nota 11).

(23) Mãe de Martins Sarmento.

(24) Livro de Baptismos, Casamentos e Óbitos, freg. de Ponte, pág. 117, Arq. Mun. A. Pimenta.

Ribeira, e com ela as outras quintas, que graças aos tios de Minotes possui nesta freguesia.

Ao despontar 1900 é a casa realmente vendida. Compra-outro neto do avô Jerónimo, Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, 1.º Conde de Margaride, filho de Henrique Cardoso de Macedo e de sua mulher D. Luísa Ludovina de Araújo Martins da Costa, aqui nascida a 3-7-1802⁽²⁵⁾.

«Para as suas sete quintas, para a sua fresca Ribeira» vem o Conde de Margaride, no verão, com sua numerosa família. Constrói mais uma ala, onde poderá viver o feitor e guardar a casa no inverno, e é a sua filha solteira, D. Luísa da Conceição, que dá, em vida, a Ribeira.

Cheira o ar a incenso, sobe devagar o fumo das velas. A 13-6-1925, sob a evocação da Sagrada Família, consagra-se uma Capela num dos quartos da ala nova. Também é obra de D. Luísa da Conceição o muro da entrada, onde manda colocar as armas de sua família: escudo partido de Macedos e Cardosos, que El-Rei D. José I concedeu a seu bisavô Domingos José Cardoso de Macedo⁽²⁶⁾. É também ela quem manda erguer do chão uma outra pedra de armas, que lá jazia, e colocá-la em cima do tanque, onde hoje se encontra⁽²⁷⁾. Serenamente, aqui morre a 9-8-1936.

Agora já não ouvimos, nem sentimos, nem adivinhamos. Vivemos: é a Ribeira de João Maria Cardoso de Macedo e

⁽²⁵⁾ Livro Misto da freg. de S. João de Ponte que tem baptizados de 1781 a 1843 (incompleto), pág. 106. Conservatória do Registo Civil de Guimarães.

⁽²⁶⁾ Escudo partido: na 1.ª as armas dos Macedos em campo azul, cinco estrelas de seis pontas em sautor de ouro; na 2.ª as dos Cardosos, em campo vermelho um cardo verde perfilado de ouro entre dois leões do mesmo metal, batalhantes. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Timbre: Macedos, um braço vestido de azul com uma massa de ouro cravejada de pontas de ferro como a clava de Hércules. Diferença: uma brica de prata com uma lua vermelha. — C. de A. de 16-11-1770. Registrada no Livro 1.º do Registo dos Brasões da Nobreza destes Reinos e suas Conquistas, fls. 138 — Torre do Tombo.

⁽²⁷⁾ Não se sabe a origem desta pedra de armas. — Escudo fraccionado em 6 partes: na 1.ª Magalhães (invertido, erro do canteiro?); na 2.ª Guimarães dos Golias; na 3.ª Faria; na 4.ª Rebelo; na 5.ª Freire de Andrade; na 6.ª? —

Serão as armas de João de Faria Freire de Andrade Ribeiro Golias dos Guimarães, Senhor do Prazo e Morgado de Torrados, e dos vínculos



Casa da Ribeira



Casa da Ribeira
(Brasão do tanque)

Menezes, que a herdou de sua tia D. Luísa. Ouvimos realmente repicar o sino quando do baptizado de Domingos José a 17-2-1956, filho do então Senhor desta casa e de sua mulher D. Augusta Vitória Forjaz de Magalhães e Menezes, dos Condes de Vilas Boas. A 13-6-1960, 35 anos depois da primeira capela, surge outra, sob a mesma invocação, singela, entre pinheiros e carvalhas, com a hera a espreitar no meio das velhas pedras, que de longe vieram.

E a 27-3-1963, nesta capelinha, ao dobrar dos sinos, junta-se o chorar das gentes pelo desaparecimento do Senhor da Casa.

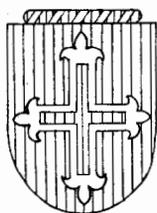
Fica a Ribeira na paz imensa dos seus campos, na grande beleza da terra, que ao ver desaparecer os seus homens grita aos filhos desses homens — «Sou vossa! Amem-me, que é amá-los a eles!»

da Conceição e Idaés? Casou este em 1768 com D. Ana Inês Madalena Palhares Coelho de Brito, Sr.^a da Casa do Costeado, Creixomil, Guimarães, da Casa de Inhas, em Braga, e do Padroado do Mosteiro de Santa Clara, em Guimarães. As duas filhas que tiveram, embora casadas, morreram s. g., sendo o marido da mais nova, um filho segundo da Casa do Toural, o 1.^o Barão do Costeado.

Seriam essas armas apeadas de algumas das suas terras? A esta conclusão cheguei, embora sem nenhuma base a não ser a coincidência dos apelidos do último Senhor de Torrados, e a maneira (certa?) como li este brasão,

Meio Casal dos Cascos

Privilegiado das Tábuas Vermelhas



De vermelho, com uma cruz de prata florenciada e vazia. (Pereira).

«Na Batalha de Navas de Tolosa, rasgou o Céu uma Cruz vermelha, aberta no meio, florida, e logo D. Rodrigo Forjaz Pereira, o moço, a tomou por armas.»

De vermelho, com uma cruz florenciada e vazia de oiro. (Meira).

«Iñigo Lopes de Meira, depois de valerosos feitos contra os Mouros recebe das mãos do Rei de Jerusalem, um pedaço do Santo Lenho da Cruz, para presentear El-Rei de Castela, e desde então a trazem os Meiras por armas.»

Cruz dos Pereiras? Cruz dos Meiras? Sempre presentes, erguidas, sempre lindas, unidas a Portugal. Glória a ribombar pelos séculos, muito sangue a tingir a história, e eis uma delas em cima deste portal que devagarinho se abre...

Estamos em 1747. Dele saiem, cabisbaixos e tristes, Miguel Rodrigues, sua mulher e o filho Manuel, pois acabam de vender a terra de seus maiores. Deixam este quinteiro «cerrado de cazas a roda huas terras e outras sobradadas e todas telhadas com suas portas fronhas para a parte do caminho...» (1) Seguem a estrada e vão para o Soutinho que ainda lhes escapa à voragem das dívidas.

Nasceu aqui, a 10-9-1723 (2), Manuel Rodrigues, que tão tristemente acompanha os Pais. Desenhemos a sua árvore geneológica. Primeiro os Pais que com ele vão: — Miguel Rodrigues e Jerónima de Oliveira, casados na Igreja de Ponte a 6-11-1718 (3), e que a 28-4-1723 reconhecem no Tombo este

(1) Livro de Prazos da freg. de S. João de Ponte, prazo feito ao Alferes Pedro Gomes de Abreu. Arq. Mun. A. Pimenta, Guimarães.

(2) Baptizados n.º 1 da freg. de S. João de Ponte, pág. 168 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(3) Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de S. João de Ponte, pág. 35. Arq. Mun. A. Pimenta.

seu meio casal dos Cascos, privilegiado das Tábuas Vermelhas, sendo Miguel 3.^a vida no prazo⁽⁴⁾. Avô paterno:— Manuel Rodrigues, natural de Mesão Frio, Ronfe, (filho de Jerónimo Rodrigues e de Catarina Gonçalves, sua mulher) casado duas vezes, a primeira, a 6-10-1697⁽⁵⁾, com a avó, dona dos Cascos, e a 2.^a com Serafina Manuel, que muitos filhos lhe deu. Nascidos nos Cascos foram os primeiros, depois passara a viver no Soutinho (que já era de seus Pais), onde faleceu a 4-2-1723⁽⁶⁾.

Curta foi a vida da avó paterna, Domingas Dias, que, apenas com cinco anos de casada, nos Cascos morre a 5-11-1702, sem nela se verificar a 3.^a vida do prazo, pois sua mãe ainda vivia⁽⁷⁾. Avô materno: Manuel Marques, segunda vez casado com uma filha de Gonçalo Martins, da Ribeira de Cima. Avó materna Maria Francisca, do Casal da Ventozela, também desta freguesia de S. João de Ponte.

Continuemos a seguir a árvore por Domingos Dias, pois este meio Casal dos Cascos vem de longe, de muito longe nas arcas do bragal das noivas, entre o branco do linho e o cheiro fresco das maçãs. A mãe de Domingas Dias, com o mesmo nome da filha, cá nascera a 5-11-1645⁽⁸⁾, e na igreja, a 27-12-1676, fora recebida⁽⁹⁾ com António Rodrigues, natural de S. Paio de Figueiredo, e emprazara os Cascos a 1-12-1694, nas notas do Tabelião Domingos de Freitas, na vila de Guimarães. Era «hua caza terrea colmaça em que vivem e que também serve de cozinha e celeiro... que fica na borda da heira para a parte do poente. Item da banda de fora da heira pegado a casa tem outra casa que serve de adega e Lagar... e entre hua e outra casa está hum pedasso de Rocio»⁽¹⁰⁾. Abrem-se

(4) Tombo de S. João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

(5) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 120 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Livro de Óbitos n.º 1 da mesma freg., pág. 77 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(7) Livro Misto n.º 5 da mesma freg., pág. 87. Arq. Mun. A. Pimenta.

(8) Misto n.º 3 da freg. de S. João de Ponte, pág. 64 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(9) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 103. Arq. Mun. A. Pimenta.

(10) Tombo de S. João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

estas portas para sairem as rendas aos directos senhores; lá vai no carro a chiar, caminho da Colegiada «hua raza de trigo, dez de meado, duas galinhas, meya marran a razao de duas arrobas a Marram inteira, e de palha painça hum carro e tambem no bolço, pronto a entregar duzentos reis em dinheiro» (11).

«Aos vinte e seis dias do mez de Janeiro de mil e sete centos e dezoito faleceo da vida presente Domingas Dias, viúva de António Rodrigues, moradores no lugar dos Cascos... com o sacramento da comfiçam e Sagrada Comunhão e não se lhe deu a sancta unção por não darem parte a dizerem morrerem subitamente: esta enterrada no Adro... esta defunta he Cabeceira inteira de casal; que comia a reserva no casal dos cascos adonde morreo q lhe pagava seu genro Manuel Radrigues por hua escriptura na qual tirou os seus bens de alma, conforme o uzo e costume que tem esta freiguesia os quais esta obrigado o fazer o dito Manuel Rodrigues morador no Soutinho» (12).

Os pais dela tinham casado a 10-9-1644 (13). Ele, era Gonçalo Dias, dos Dias do Casal do Poço, ramificados com o seu sangue generoso em quase todos os casais. Ela, Maria Gonçalves, cabeceira de Casal, que cedo fica viúva e por sua vez deixa a terra a 17-3-1694 (14). Mais nomes, mais datas... Filha de Mateus Gonçalves, casado a 22-7-1515 (15) com Madalena Fernandes, nascida nos Cascos, de Julho de 1588 (16), e falecida a 20-11-1664 (17) (filha, por sua vez, de Jerónimo Fernandes) e que juntos emprazam o prazo a 15-10-1623 (18). Para rematar esta árvore, temos o emprazamento desta mesma metade dos Cascos a Gonçalo Pires e mulher, Maria Alves, a 13-8-1557 (19).

(11) Tombo de S. João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

(12) Livro de Óbitos n.º 1 da freg. de S. João de Ponte, pág. 47.

(13) Livro Misto n.º 3 da mesma freg., pág. 59 v.º

(14) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 86.

(15) Livro Misto n.º 3 da mesma freg., pág. 47 v.º

(16) Livro Misto n.º 2 da mesma freg., pág. 15 v.º

(17) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 56.

(18) Livro de Prazos de S. João de Ponte.

(19) Mesmo livro.

Vestígios de Meiras? Vestígios de Pereiras? Só a pedra de armas da porta que se fecha sobre estas vidas « compridas e acabadas » « nesta casa colmaça que também serve de celeiro ».

Por quatro mil cruzados, a 23-2-1747, vende Miguel Rodrigues os Cascos⁽²⁰⁾ e aí mesmo estão os seus credores a receberem o dinheiro que o Alferes Pedro Gomes de Abreu deu por estas terras.

Vive o Alferes no Porto, na Rua do Belo Monte. Fica a casa habitada por caseiros anónimos que interrogam os céus e pagam o terço das colheitas quando o sol pinta a folhagem no chão, pelo S. Miguel de Setembro. Compra também Pedro Gomes de Abreu e sua mulher D. Mariana Teresa de Santa Rosa e Abreu, a outra metade do Casal dos Cascos, a que não tem privilégio, e com tudo junto empraça a 22-4-1750⁽²¹⁾.

Escancara-se a velha porta « em minha presença e na do dito Meirinho e Testemunhas ao diante nomeadas e assignadas entrou no heido e casas desta dita fazenda pegando nas chaves e abrindo e fechando as Portas e ginelas delas e dahy foi ao lagar, cortes de gado, heyra, campos, Leiras, soutos, devezas, Montados e mais pretensas desta dita fazenda e por tudo andou e paçou de huma parte para a outra pondo as Mãos em paus e Pedras, cabando na terra e atirando comella ao Ar, cortando ramos de Arvores de fruto e sem ele, guiando as aguas e fazendo todos os mais actos possessórios e do estilo, tomou posse⁽²²⁾ ». A 7-4-1785 é arrematada ao Alferes

(20) Livro de Notas do Tab. João Pereira de Carvalho Guimarães, pág. 45 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(21) Prazo q faz o Rev. Cabb.º da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira desta v.ª de G.ªs das duas ametades dos cazais chamados dos Cascos com seu Previlégio das Tábuas Vermelhas de Nossa Senhora da Oliveira sito tudo na freg. de S. João de Ponte tr.º desta v.ª a Pedro Gomes de Abreu e sua m.ª da cidade do Porto. Livro de Prazos de S. João de Ponte. — Arq. Mun. A. Pimenta e Arq. Part. da Casa de Margaride.

(22) Transcrição de parte dos actos possessórios dos diversos donos desta quinta dos Cascos. — Arq. Part. da Casa de Margaride.

Pedro Gomes de Abreu, por Gabriel Rodrigues Nunes, negociante no Porto.

Tem a sua casa de negócio no Porto, na Rua da Bandeira, em Miragaia. Aí vive com sua mulher, Ana Alvina Rosa. Correm mal os seus negócios, pois abre falência. Feador de seu irmão José Rodrigues Nunes, Recebedor das Sizas em Braga, deve-lhe 15.733\$770. Mas em Braga ainda corre tudo pior, pois o José tinha extraviado os bens pertencentes ao seu officio e sido chamado a contas. Destituído do cargo, ordena-se rigoroso sequestro aos haveres do Ex-Recebedor e aos dos seus fiadores. (23)

Abre-se e fecha-se apressadamente o portal dos Cascos. A 19-2-1794 faz-se a sequestração à quinta e às suas pertencas. Treme o actual caseiro, Jerónimo Fernandes, responsável pelos bens aprendidos. E como José Rodrigues Nunes, ausente em parte incerta, deve à Real Fazenda 9.968\$045, faz-se a louvação dos Cascos e procede-se à sua arrematação.

A 12 de Abril vêm os louvados e avaliam: rendem estas terras livre do Dízimo, semente e cultura

Por falta de estrumes, 240 alqueires de pão e feijão, a 250 rs. o alqueire	soma	60\$000
Vinho (livre do Dízimo e terço da cultura) 60 almudes a 250 rs. cada	soma	15\$000
Castanha, 6 alqueires a 100 rs. cada	soma	\$600
Lenha dois carros a 400 rs. cada .	soma	\$800
Avaliação do rendimento anual do prédio		50\$000
		<u>81\$400</u>
Multiplicado 20 anos		1.628\$000

(23) Carta de Rematação de José Bento de Gouveia da freg. de St.º Estevam de Urgeztes tr.º desta villa da fazenda chamada dos Cascos e todas as suas pertencas cita na freg. de S. João de Ponte deste termo que foi do executado fiador Gabriel Rodrigues Nunes da Cid.ª do Porto pla. execução que se lhe fazia a bem da Fazenda Real como fiador de seu Irmão. — Arq. Part. da Casa de Margaride.

Valor da folha do Privilégio	100\$000
Valor da Renda que se paga ao Directo Senhor (19 alq. de pão meado, dois alqueires de trigo, 4 galinhas, 2 frangos, 12 dúzias de palha painça, 500 rs. em dinheiro)	212\$000
Valor Líquido dos Cascos	1.500\$160

A 14 de Junho desse mesmo ano de 1794, na praça pública de Guimarães «dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três e uma pequenina» . . . são os Cascos arrematados por 2.400\$000, oferecidos por José Bento Gouveia.

Casado com D. Custódia do Couto Vieira, vivendo em Urgeses na sua Quinta da Carreira, a 5-1-1811, num cartório em Guimarães, troca este casal dos Cascos pelo Casal e Prazo dos Carvalhos, — S. Pedro de Polvoreira ⁽²⁴⁾.

Mais uma vez se abre o portal para a entrada de um novo dono. Este é Francisco José Gonçalves de Oliveira, negociante em Guimarães, na Rua Nova das Oliveiras, que a 6-10-1821 vai com sua mulher, Teresa Maria da Encarnação, emprazar os Cascos ⁽²⁵⁾.

Ajudemos na Vedoria «este Cazal que se compoem de hum Eido com sua Latta sobre hums Esteios de pedras pello meio e do Lado do Norte se achão as Cazas de Sobrado com escadas de pedra e nas Sallas tem tres janellas sobre a Estrada hua sobre o Rocio e Cazal da Porta, e duas para sobre o tilhado deste Cazal, e tanto deste lado do Norte como do Sul tem mais Casas terrias, Cortes, Casa de Lagar e mais arranjos o que tudo sendo medido de nascente a poente prencepiando as portas fronhas sobre que tem humas piramides de pedra em frente da Estrada . . . » São a 1.^a e 2.^a vida neste prazo que por sua vez vendem a 29-12-1838 a Luís Martins da Costa, da Casa da Ribeira ⁽²⁶⁾.

⁽²⁴⁾ Permutação entre Jozé Bento de Gouveia e sua m.^{er} da freg. de St.^o Estevam de Urgeses, e Francisco Jozé Glz e sua m.^{er} desta villa de Guimarães: Tab. Nicolau Teixeira de Abreu 5-1-1811.

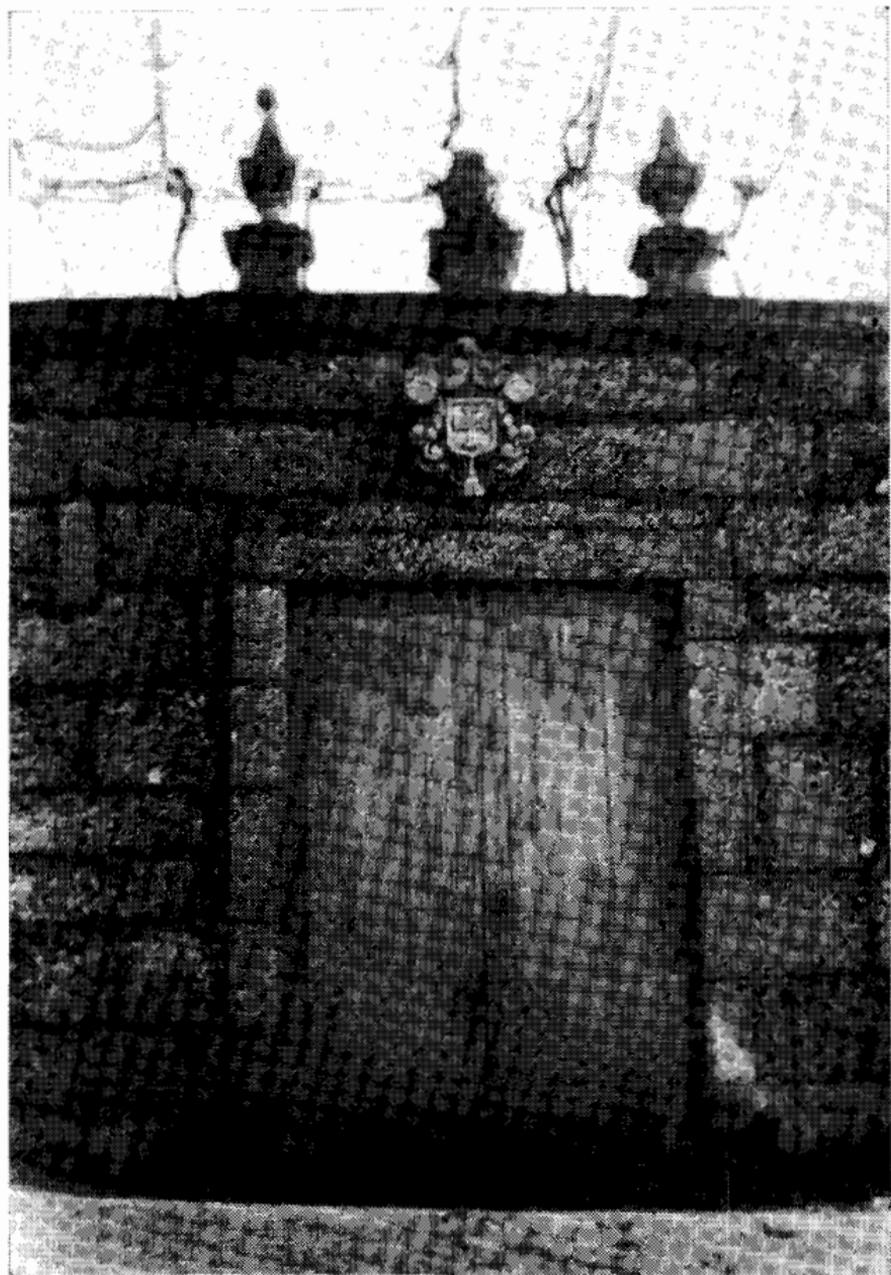
⁽²⁵⁾ Livro de Prazos de S. João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁶⁾ Livro de Notas do Tabelião Nicolau Teixeira de Abreu, anos de 1838-39 pág. 114 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta. Foram os Cascos vendidos por 4.800\$00, livres de sisa.

Entrança-se o destino dos Cascos com o da Ribeira de Cima, pois têm os mesmos donos, até que D. Luísa da Conceição Cardoso Macedo Martins de Menezes a deixa a sua sobrinha D. Matilde Cardoso de Macedo de Menezes, casada com o Engenheiro Luís Teles de Menezes Correia Accaioli.

Esta senhora vende os Cascos ao seu actual possuidor, Dr. João Afonso de Almeida, médico em Guimarães.

Cruz de Pereiras? Cruz de Meiras? Quem a colocou? Cruz de tantas batalhas em cima deste portal, que devagarinho se abre... Por ele passam carros de milho, galinhas a esgravatar, pés enlameados de crianças, uvas a ferver em dornas, mãos calejadas e vermelhas. Cruz florida no meio do povo. Desse povo, mar imenso e chão, de onde saiem as ondas da nobreza para nele mansamente mergulharem... e depois mais altaneiras surgirem.



Portal do Casal dos Cascos

Casal de Don Togon do Miogo

Privilegiado das Tábuas Vermelhas



Que quer dizer Don Togon? Ainda perguntarei um dia destes... Por hoje, 1708, entre os muitos berços que se balouçam nesta freguesia de S. João de Ponte vamo-nos debruçar sobre dois.

Num, aqui neste Casal do Miogo, plena época das colheitas, à sombra das uveiras já pintadas, quase maduras, dorme João Francisco Salgado, nascido a 9 de Agosto (1). Cheios de alegria, os pais, Bento Francisco e Jerónima de Castro Salgado, mostram-nos este menino, continuador da sua casa de lavradores.

O outro bercinho, envolvido pela mágua, está escondido no lugar da Senra. Nele, Domingas Machada, a Mexila, filha do pedreiro António Machado, embala mais um filho seu. Chama-se Domingos, o pequenito que aqui esperneia desde o dia 4 de Abril (2).

Debruçamo-nos e vamo-nos mansamente, deixando-os dormir, alheios ao mundo, pertinho de Deus.

I

João Francisco Salgado tem 7 anos. Entra gente pelo Miogo: Jerónimo Marques, cirurgião, o tio Gonçalo, o tio Leandro que já traz sotaina, mais parentes, mais amigos a cochichar. «Aos oito dias do mez de junho de mil setecentos e quatorze falleceo da vida presente Bento Francisco cazado com Jerónima de Castro Salgada moradores no lugar do Miogo... he cabeçeira inteira e fes testamento numcopativo

(1) Livro n.º 1 de Baptizados da freg. de S. João de Ponte, pág. 27. Arq. Mun. A. Pimenta.

(2) Mesmo livro acima, pág. 24.

em que deixou a nomeação do prazo nomeado ao seu filho mais velho... » (3).

Fica João, senhor do Casal, rodeado de gente: a mãe, o avô, António Francisco, a segunda mulher deste e os nove filhos que têm, a escrava preta do avô, (4) um mundo que se mexe, grita e formiga pelas terras do Miogo.

João gosta de ouvir falar o avô que lhe conta histórias de bichos, tece com as estrelas, com os santos, os rifões e os contos, que as crianças ouvem com olhos sonolentos. Mostra também antigos papéis, tirados duma velha arca.

— O primeiro a emprazar este casal foi meu trisavô Gonçalo Pires, em 1560 (5). Seguiu-o a filha, Isabel Gonçalves, segunda vida no prazo. Esta recebeu-se a 18-10-1583 (6), já cá buliam os tratantes dos espanhóis, com Jorge Gomes, da Freiria, filho de Sebastião Pires e de Isabel Gomes. Nessa altura éramos, como hoje, foreiros ao Dom Prior da Colegiada, tínhamos o Privilégio das Tábuas Vermelhas, mas só meio casal é que era nosso. Filha de Jorge e Isabel foi minha avó, Catarina Gomes, que foi a 3.^a vida. Morreu o bisavô a 5-11-1625 (7) e a bisavó a 24-7-1622 (8).

Distraiem-se as crianças seguindo encantadas o voo das moscas. E ele continua: meu avô foi Gonçalo Francisco; a avó ao morrer deixou-lhe o prazo. ...ó diacho de canalha que não me estais a ouvir!

Encosta-se António Francisco ao grosso varapau. Sabe de cor os nomes e datas que lhe leu o senhor reitor. « Aos onze de março de 1634 falleceo Cn.^a Gomes do Mioguo fes test.^o com todos os sacramentos seu marido lhe mandou dizer dez missas e o officio de trez lições e obrada que valia ... » (9). Volta a casar o avô Gonçalo, senhor da fazenda pelo tes-

(3) Livro n.º 1 de Óbitos da mesma freg., pág. 34. Arq. Mun. A. Pimenta.

(4) Mesmo livro acima, pág. 78 v.º

(5) Livro de Prazos da freg. de São João de Ponte. Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Livro Misto n.º 1 da mesma freg., pág. 91 v.º Arq. Mun. A. Pimenta

(7) Livro Misto n.º 3 da mesma freg., 77 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(8) Mesmo livro, pág. 75.

(9) Mesmo livro, pág. 81.

tamento da mulher. E depois «Gonçalo F.^o a 1.^a vida visto deixar-lhe sua mulher por test.^o o direito de renovar e a segunda vida sera seu filho dentre elle e a dita sua primeira mulher chamado João e a 2.^a nomearáa a 3.^a» (10).

Ana Gonçalves chama-se a segunda companheira. Tanto ela como o avô morreram de certa idade. Bem lho mostrou o senhor reitor. «Aos vinte e sete de Mr de 1668 falleceu Gl.^o Fr.^o do Mioguo com todos os sacramentos não fêz test.^o seu filho João Fr.^o lhe mandou fazer por sua alma no dia hu ofisio de dez padres com esmola de sento e sincoenta e offerta costumada» (11). «Ana Glz molher de G.^o Fr.^o da Mioguo falleceu a 21-3-1667» (12).

— 3.^a vida foi meu pai, João Francisco; cá nasceu e foi baptizado a 19-10-1631 (13). Entregou a alma ao Senhor a 1-3-1682 (14).

Mal se recorda António Francisco da mãe, mas sim muito bem da madrastra pois o pai também casou duas vezes. — Era minha madrastra do Casal de Senais, das bandas de Silvares, chamava-se Maria Martins, dos mesmos Martins de Minotes, e a modos que quando morreu (15) ainda deixou a mim, seu enteado, António Francisco, cinquenta mil reis, mas o herdeiro foi o irmão dela, o de Senais.

Como foi a vida de António Francisco? Ri ao ver-se moço solteiro a apadrinhar baptizados. Saboreia as alegrias que teve: o casamento com Maria da Silva, o nascimento do primogénito, do Bento, aqui no Miogo a 11-7-1684 (16). Aquele dia de 13-1-1690, quando emprazou todo este casal do Miogo, a metade que já era deles e a outra acabadinha de comprar por ele a Francisco Jorge de Freitas, ficando tudo junto

(10) Livro de Prazos da freg. de Ponte (5-3-64). Arq. Mun. A. Pimenta.

(11) Livro Misto n.^o 4 da mesma freg., pág. 61. Arq. Mun. A. Pimenta.

(12) Mesmo livro, pág. 59.

(13) Livro Misto n.^o 3 da mesma freg., pág. 35 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta.

(14) Livro Misto n.^o 4 da mesma freg., pág. 71 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta.

(15) Foi a 9-2-1686, mesmo livro acima, pág. 75.

(16) Mesmo livro, pág. 130.

menos a leira da Cerveira⁽¹⁷⁾; o nascimento de todos os filhos, o seu segundo casamento, nesta igreja de Ponte, a 4-10-1694⁽¹⁸⁾, com Jerónima Fernandes, a Sapata; lá vem ela com os mais pequenos agarrados às saias...

Há também as tristezas que não foram poucas. Tanta nota negra: a 7-12-1693 morre Maria da Silva⁽¹⁹⁾, as aflições, as dívidas, as doenças, a morte a roubar-lhe gente, e ainda há pouco o Bento, esse mocetão de trinta anos... Pára de pensar, António Francisco, que a vida ainda te chama!

Chiam os carros de pão: dois de milhão, dois de milho alvo, trinta alqueires de centeio, dez de painço, mais dez razas de feijão negro «tudo bom limpo e de areceber» que a nora lhe paga todos os anos. Quando dotou ao filho este casal do Miogo tirou bastantes reservas; além dos cinco carros de pão que agora passam, há mais o terço do vinho, da fruta e da castanha, a metade do azeite e das devesas dos carvalhos, lenha para gasto, horta para seu plantio, campos para plantar linhaça, águas para regas e o Privilégio — Não que ele tinha filhos rentinhos ao chão, e como os havia de livrar?

Muito juntos, muito amigos, mas tudo separado; a fazenda dotou-a inteira, e para viver reservou «a casa torre com sua logea e a casa cosinha que hoje tem com a estanqueira da porta da cosinha toda a corte das avias e a corte das ovelhas e as duas cortes dos porquos que...»⁽²⁰⁾.

Chega-se a ele a nora, Jerónima de Crasto Salgado. Como era alegre, mesmo dali à beira, das Courelas, a saltar viva-cha. Conversava então com o Bento; foi preciso vir de Braga uma Dispença pelo parentesco e como vinha linda, toda vestida de festa com sua cruz de oiro de dois braços! Via ainda o pai dela, o primo Gonçalo Rodrigues, lançar sobre a mesa,

(17) Livro de Nota n.º 1 do Dom Priorado, pág. 71 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(18) Livro Misto n.º 4 da freg. de São João de Ponte, pág. 116 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(19) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 85. Arq. Mun. A. Pimenta.

(20) Dote que faz Ant.º F.º e sua m.ª do mioguo freg.ª de Sam joam de ponte deste termo a seu f.º Bento Francisco com Jer.ª de Crasto Salgada f.ª de Gon.º Roiz das Courellas. Livro de Notas do Tab. António da Silva, Fevereiro 1710, pág. 14 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

a tintelar os 350\$000 do dote. Lembra-se bem do gosto que teve ao escolher para o filho, para o dotar, além do casal «hua cuba pequena e outra grande, quinze mil reys em dinheiro p.^a hu boy, hu bacoro e hua bacora de criação, e hu carro novo sem ser uzado, e hua tulha e hua enxada» (21). Casara o filho a 25-12-1707 (22).

Curiosa é a lista de devedores que ao morrer deixa António Francisco: devem-lhe João Ribeiro e genro, José de Crasto, do Casal de Sendêlo, Silvares 700\$000 e os juros de vinte anos; deve-lhe João Francisco, o Peres, 200\$000; devem-lhe os herdeiros de João Ferreira 10\$400; 14\$000 a cunhada Angela Fernandes; 20\$000 da compra de uns bois os herdeiros de Manuel Gomes, de Cristelos, Unhão; uma moeda de oiro de 4\$800 outra cunhada, Jerónima Luís, etc., etc. Morre no Miogo a 19-8-1723 (23). Todas estas dívidas serão arrecadadas pela mulher, pela nora e pelos filhos. Enterram-no ao lado da primeira mulher, Maria da Silva, na sepultura dentro da igreja, que lhe custou pedra e terra 14\$000, pois o jazigo do Miogo é no Adro.

Jerónima Fernandes, a Sapata, deixa o Miogo e vai para a Devesa do casal, reserva que o marido tirou para a sua viuvez. Pedro, (mais tarde o Padre Pedro Ribeiro), Inês, Teresa, João, Sebastião, Angela, Luísa, Maria e Domingos seguem a mãe.

Está um homem o João Francisco Salgado. Ao olhar o rio Ave sente a sede imensa que só apagará ao cruzar o oceano. Deixa a mãe, a terra, a mulher, Ana Francisca, de quem «não tem filhos nem esperanças de os ter», pede emprestado a seu primo co-irmão, Gualter da Costa Guimarães, do Bouro, e hipoteca o Miogo (24). Parte.

Leva consigo o único irmão que tem: Simão. Juntos se perdem nesse enorme Brasil de setecentos, nas ruas de terra amarelada, entre pretos carregando os senhores nas redes,

(21) Ver nota atrás, n.º 20.

(22) Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de São João de Ponte, pág. 6. Arq. Mun. A, Pimenta.

(23) Livro de Óbitos n.º 1 da mesma freg., pág. 94 v.º Arq. Mun. A, Pimenta.

(24) Livro de Notas do Tabelião José da Costa, 9-11-1733. Arq. Mun. A, Pimenta.

nas brancas igrejinhas entre palmeirais, na selva enrodilhada onde gritam pássaros berrantes, na música quente dos escravos cativos, na ânsia do ganhar, do subir, nas modinhas portuguesas que o calor amoleceu entre lágrimas de saudade que o chão chupa ressequido.

Desmaia a primeira parte da história do Miogo. Primeiro com a morte de Jerónima de Crasto, a 3-12-1740⁽²⁵⁾, «deven-do-se-lhe fazer inventário por ter os filhos ausentes». Segundo com a de Ana Francisca, também no Miogo, a 19-3-1743⁽²⁶⁾, dizendo ter feito um testamento com o marido em 1723. Nele mandam por suas mortes fazer escritura pública de inventário, nomeiam como testamenteiro a Gualter da Costa Guimarães e que o Miogo seja vendido a quem mais der...

II

As armas de Domingos Duarte Rodrigues Guimarães são colocadas em 1757, no Miogo, na capela que ali construiu. Quem é este fidalgo, que foi quem mais deu por esta fazenda? Vimo-lo em pequenino a espernear no triste bercinho, na Senra. Muita coisa mudou desde então.

Há muito «morreo pobre e miseravel» seu avô António Machado⁽²⁷⁾. A mãe, a Mexila, que até ao fim viveu do seu tear e do dinheiro que o filho lhe dava, também se juntou a Deus em 26-1-1749⁽²⁸⁾.

E o pai quem era? Um mercador, casado, que vivia em Viana do Castelo, chamado António Duarte Rodrigues, natural de Santa Eufémia de Prazins. Consta que em tempos fora sapateiro e era filho de lavradores. Os avós paternos do nosso Domingos foram António Francisco e mulher, Maria Duarte, «que morreu muito velhinha e corcovadinha»⁽²⁹⁾.

(25) Livro de Óbitos n.º 1 da freg. de São João de Ponte, pág. 269 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(26) Livro de Óbitos n.º 2 da mesma freg., pág. 25 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(27) A 21-3-1711. Livro de Óbitos n.º 1 da freg. de São João de Ponte, pág. 22 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(28) Livro de Óbitos n.º 2 da mesma freg., pág. 46. Arq. Mun. A. Pimenta.

(29) Habilitação do Santo Ofício de Domingos Duarte Rodrigues Guimarães, Maço 33, Diligência 599. Torre do Tombo.

Levou-o o pai para Viana e daí atirou-o para o Brasil. Já crepita a fogueira que será a sua vida. Fabrica teias, é caixeiro, vende por grosso e atacado, e a chama vai subindo, colorida. Não desaparece entre os sonhos de glória, não se esfuma como os outros. Volta.

Em Janeiro de 1743⁽³⁰⁾ vive em Lisboa onde faz o requerimento para Familiar do Santo Offício, sendo admitido. Compra depois muitas terras nesta freguesia de Ponte, entre elas este Casal de Dom Togon do Miogo.

Habilita-se para a Ordem de Cristo⁽³¹⁾. Concede-lhe Sua Magestade o hábito, com uma tença de 12\$000 reis, a 27-7-1753; e para apagar os impedimentos que surgem recebe das mãos do novo cavaleiro 1000\$000 reis. Cresce a chama que queima a sua origem, a vida de trabalho, e o transforma, apressadamente, num fidalgo de capela e solar.

Já como cavaleiro, casa na Igreja de S. Paio, a 12-2-1754⁽³²⁾ com D. Custódia Maria Teresa de Araújo Ferraz, filha do escrivão dos orfãos na vila de Guimarães e senhora de uma boa casa na Rua de Santa Luzia.

Em 1755 justifica a sua nobreza. Oito pessoas, entre elas o pároco de S. João de Ponte, dão-no como descendente dos verdadeiros Machados, Rodrigues e Oliveiras. Concede-lhe El-Rei D. José I o seguinte brasão: escudo partido de Machados e Oliveiras (C. de A. de 30-5-1755)⁽³³⁾.

Nada apuramos sobre a verdade ou não verdade destas afirmações. Descenderia o pedreiro António Machado dos Machados, Comendadores de Sande, terra da sua naturalidade? Corremos os assentos paroquiais dessa freguesia: «16-11-1597 recebe-se António Machado com Maria Velosa

(30) Mesmo processo.

(31) Habilitação para a Ordem de Cristo de Domingos Duarte Roiz Guimarães. Maço n.º 1 — n.º 19. Torre do Tombo.

(32) Livro de Casamentos n.º 3 da freg. de S. Paio, Guimarães, pág. 55 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(33) Processo de Justificação de Nobreza de Domingos Duarte Roiz Guimarães. Maço A, n.º 3. Torre do Tombo. Todos os documentos citados que se encontram na Torre do Tombo (notas 28, 29, 30, 32) devo-os a grande amabilidade do distintíssimo genealogista Ex.º Sr. Luís de Bivar Guerra, que me fez esse grande favor e a quem mais uma vez agradeço. O brasão de Domingos Duarte Rodrigues é o 594 do «Arquivo Heráldico» de Sanches de Baêna.

f.^a de Ant.^o Glz da Sande» «30-8-1598 baptiza-se Bartolomeu» primeiro filho desse casal. «Fernão Machado do lugar de Tarrío é padrinho em 1616». Em «23-2-1617 baptiza-se João filho de Fernão Machado e de Maria, ambos solteiros»; «25-3-1630 baptiza-se Pedro, filho de Catarina da Rocha, solteira, que dá por pai a Fernão Machado, solteiro, de Tarrío». Em 1624 são padrinhos Fernão Machado e sua irmã Angela Machado, de Tarrío. Aqui e ali nos aparecem alinhavos soltos que não conseguimos unir. Mais tarde casa Fernão Machado, tem filhos do matrimónio e perdemo-lo, assim como a todos os Machados desta freguesia, os lavradores do lugar de Tarrío e os Machados de Miranda, fidalgos de Guimarães, que aqui possuem terras e muito de longe em longe aparecem ⁽³⁴⁾.

Temos a Domingos Duarte Rodrigues Guimarães, Fidalgo da Cota de Armas, frente à capela do Miogo, que o seu brasão ostenta. Vai com a mulher às notas do escrivão André da Silva, a 1-5-1757, «que elles tinham determinado erigir uma capella na sua quinta do Miogo cita na freguesia de Sam Joam de Ponte e para a fabrica e ornato da dita capella que-riao fazer doação de bens de raiz suficientes para com o seu rendimento de aver de fabricar e ornar a dita capella» ⁽³⁵⁾. Doam uma morada de casas térreas na Rua de Santa Luzia e mais tarde, a 10-9-1757, para o mesmo fim, umas casas sobradadas na rua da Cutilaria.

Morre Domingos Duarte Rodrigues Guimarães na sua casa da Rua de Santa Luzia a 2-5-1796. Está envolto no seu hábito de Cristo ⁽³⁶⁾, imóvel e frio, para toda a eternidade.

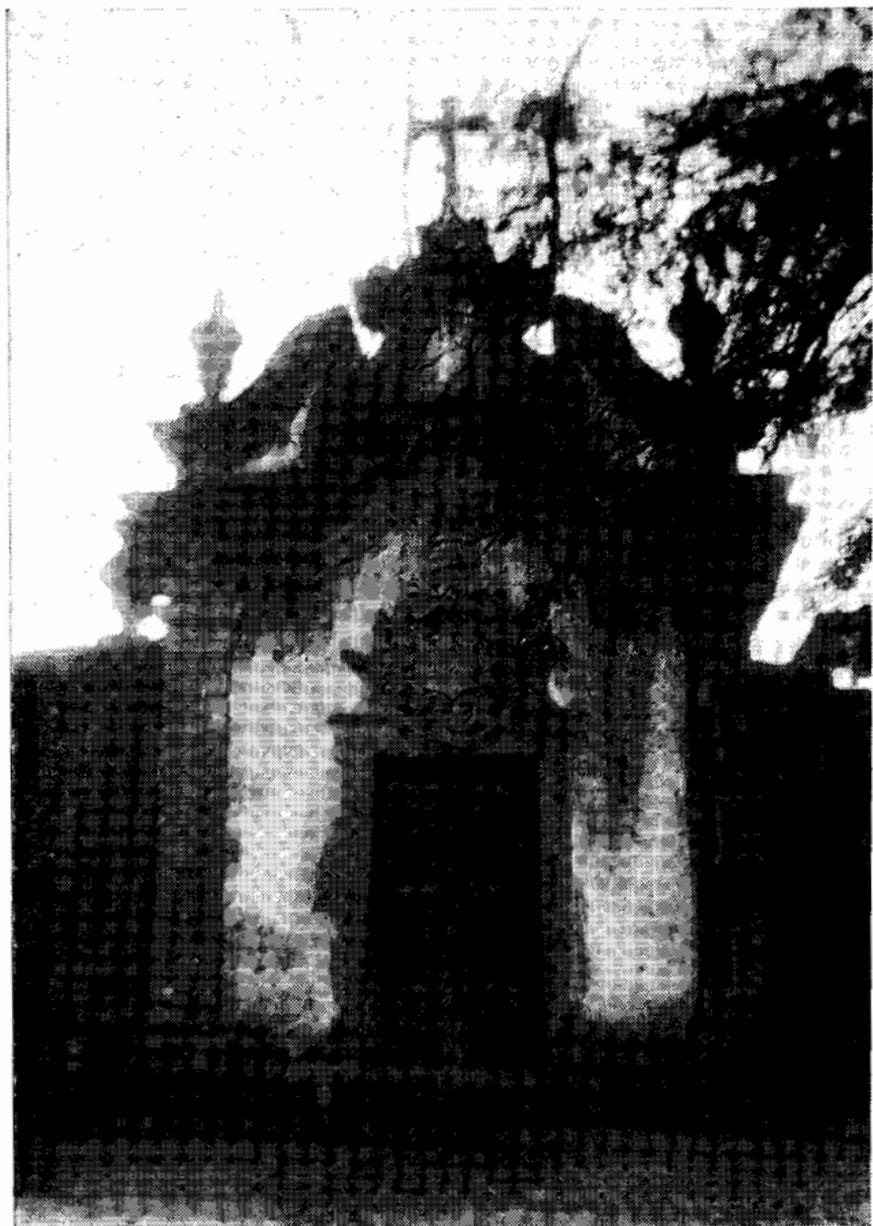
Oito filhos deixa. Vamos conhecê-los. Diferente é esta nova geração que de quando em quando vem até ao Miogo. Não se fecha no viver da terra, não interroga os ventos, não espria a vista descansada nas searas que crescem.

Elas, as mulheres, são três: D. Ana Camila e D. Rosa Ludovina freirinhas no Convento de Santa Clara, onde se

⁽³⁴⁾ Livros Mistos n.^o 1 e n.^o 2 da freg. de S. Lourenço de Sande. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁵⁾ Livro de Notas do Tabelião André da Silva, pág. 6 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁶⁾ Livro de Óbitos n.^o 5 da freg. de S. Paio, pág. 172 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta.



Capela da Casa do Miogo

louva a Deus em cânticos, e olha-se saudosamente para os prazeres da vida que, como os raios de sol, também se esgueiraram gaiatos pelas grades do convento. A outra, D. Maria Madalena, sombra anónima de senhora solteira, por nós passa como «Sr.^a de dois prazos de vidas na freg.^a de Santa Maria de Matamá» (37).

Quanto aos homens, todos eles entram valentes nesta época que os agarra e agita. O mais velho é Bento António Duarte Ferraz. Recebe em dote o Miogo quando casa, a 9-12-1793, com D. Custódia Maria de Freitas Costa (38), na Senhora da Oliveira.

Avançam ao longe as tropas do General Soult espezi-nhando um país e calcando uma raça que não se entrega. Cai pela Pátria Bento António Duarte Ferraz, Quartel Mestre dos Privilegiados de Santa Maria de Oliveira (39), a 16-3-1809, na Batalha de Salamonde. Continua o invasor francês o seu caminho, repousando este senhor do Miogo no concelho de Vieira, na Igreja de St.^o Estevão de Quintalais. Cobre-se o brasão da casa com o pano espesso, negro na cor, mas vermelho na glória.

Nomeia a mãe, D. Custódia Maria Teresa de Araújo Ferraz, os bens que recebeu por morte, sem geração, do primogénito, no segundo, o Licenciado Manuel Duarte Ferraz, a 28-9-1810 (40). Dias depois falece esta senhora, a 3 de Outubro (41), e solteiro, a 20-3-1812, na sua casa de St.^a Luzia, morre este breve Senhor do Miogo (42).

No testamento que fez deixa herdeiro o terceiro irmão, Domingos Duarte Machado Ferraz, que em Lisboa vive (43).

(37) Livro de Notas do Tabelião José de Sousa Bandeira, 28-9-1810, pág. 8. Arq. Mun. A. Pimenta.

(38) Livro de Casamentos n.º 2 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira, pág. 129. Arq. Mun. A. Pimenta.

(39) Livro de Óbitos (1802-42) da mesma freg., pág. 172 v.º Arq. Mun., A. Pimenta.

(40) Ver nota 36.

(41) Livro de Óbitos da freg. de S. Paio, Guimarães, pág. 17 v.º Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

(42) Mesmo livro acima.

(43) Livro de Testamentos Gerais, n.º 44, pág. 126 v.º Testamento do Dr. Manuel Duarte Ferraz. Arq. Mun. A. Pimenta.

Instala-se este no Miogo com a mulher, D. Matilde Rosa Violante de Castro, e, em 1815, vendem ⁽⁴⁴⁾ uma morada de casas térreas no terreiro da Rua de Santa Luzia.

Sopram ventos de discórdia neste reino de Portugal. A semente lançada pelo invasor frutificou e deslumbra alguns. Outros agarram-se às sagradas tradições de uma pátria que deu novos mundos ao mundo. Encarniçadamente se batem. Seguem os do Miogo a corrente das novas ideias. Preso por constitucional, morre a 8-11-1829 ⁽⁴⁵⁾, no Hospital da Misericórdia, em Guimarães, o penúltimo dos irmãos, António Duarte Machado Ferraz. É casado e deixa um filho de 4 anos, José Joaquim Machado Ferraz, o futuro Conde de Santa Luzia.

Imigra o mais novo dos irmãos, José Duarte Machado Ferraz, voltando à Pátria com o triunfo do liberalismo. É comendador da Ordem da Conceição, do conselho de Sua Magestade Fidelíssima, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, (6-7-1796) Corregedor da Companhia do Funchal, Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, autor de várias obras, etc. Morre em Lisboa a 8-9-1861 ⁽⁴⁶⁾. Meses antes El-Rei, em recompensa dos serviços que na sua carreira de magistrado prestou ao País, agracia seu único sobrinho, José Joaquim, com o título de Visconde de Santa Luzia (Dec. de 26-3-1861).

É o Miogo a casa dos Santa Luzias, que em Guimarães e em Lisboa vivem. A 14-3-1891 morre José Joaquim Machado Ferraz, 1.º Visconde e, desde 2-12-1885, 1.º Conde de Santa Luzia ⁽⁴⁷⁾. A 7-12 do ano seguinte hipoteca-se este casal a favor da Condessa viúva, D. Carolina Cândida de Sousa Pe-

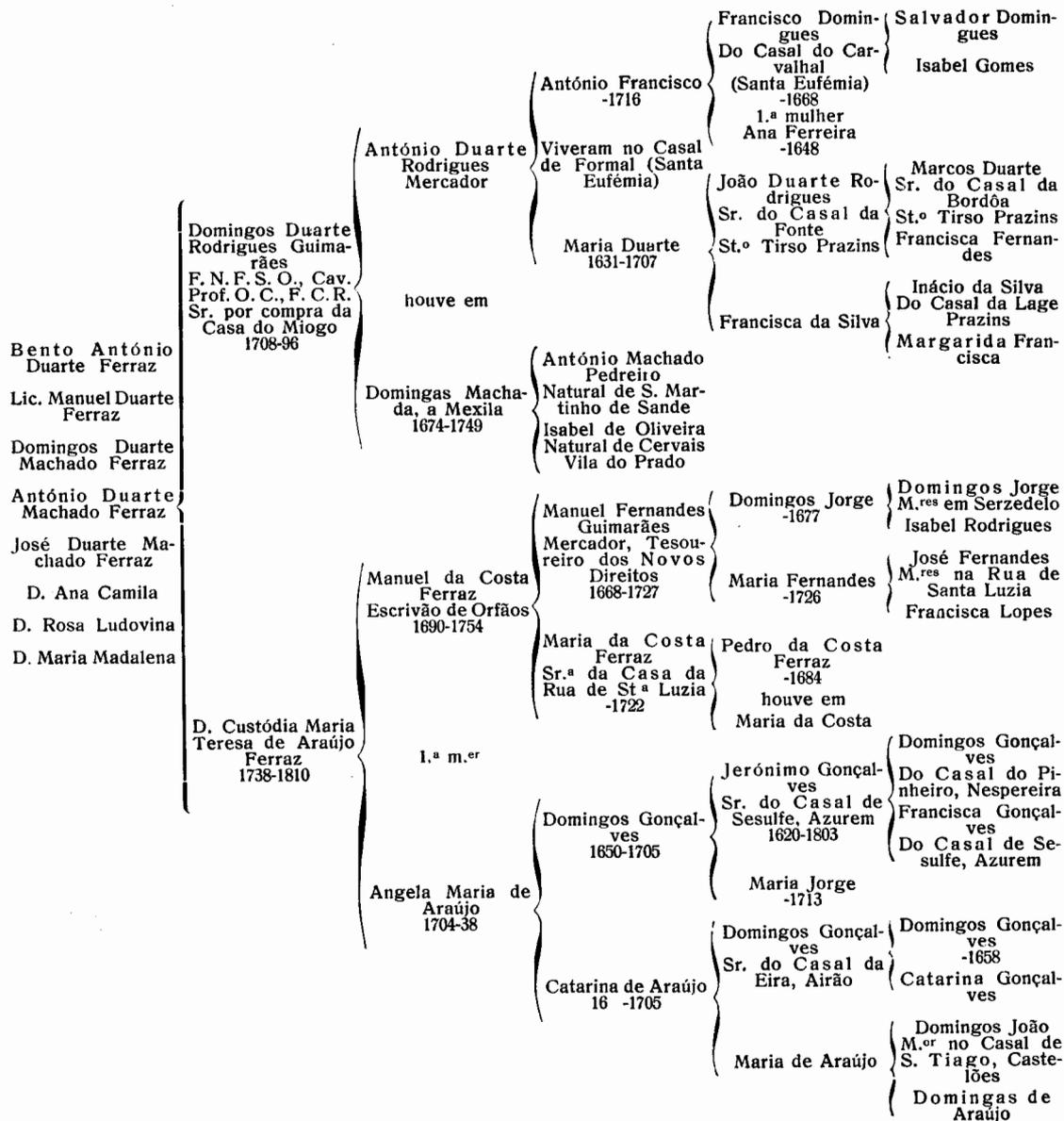
⁽⁴⁴⁾ Livro de Notas do Tabelião Nicolau Teixeira de Abreu, de 3-8-1815 a 7-1-1816, pág. 121. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴⁵⁾ Livro de Óbitos (1813-31) da freg. de São Pedro de Azurem-Hospital, pág. 134 — Ver «Velharias Vimaranenses», in-Revista *Gil Vicente*, vol. VI, 1930, pág. 124.

⁽⁴⁶⁾ «Supremo Tribunal da Justiça» pelo Juiz Conselheiro Dr. Eduardo de Azevedo Soares (Carcavelos).

⁽⁴⁷⁾ João Lopes de Faria regista este falecimento no 1.º vol. das *Ephemérides Vimaranenses*, a pág. 267 v.º — «Vítima de uma congestão cerebral falece o 2.º visconde e 1.º conde de Santa Luzia, José Joaquim Machado Ferraz. Nascera a 23 de Novembro de 1826 e casou a 20 de Agosto de 1853 com D. Carolina Cândida de Sousa Pereira Magalhães; título e foro de fidalgo cavaleiro da Casa Real por alvará de 15 de Maio

CASA DO MIOGO



reira de Magalhães, para segurança de parte do seu dote pecuniário. Responsável fica sua nora, também já viúva, D. Maria Adelaide de Carvalho Magalhães Ferraz⁽⁴⁸⁾.

Três gerações acarinharam o Miogo, ilustraram-no e desabrocharam-no da terra. Vende-o a quarta. Compra-o José Joaquim Gomes da Silva, negociante em Guimarães, a quem o povo com ternura e malícia alcunha de o «Bacorinho». E por este mais uma vez é vendido o Miogo a 27-3-1923⁽⁴⁹⁾ a Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, notário e proprietário em Guimarães, que como seu regista este casal a 3-4-1923.

Por sua morte deixa-o a sua mulher, D. Elvira Leão da Cruz Costa, e à sua filha, D. Maria José Ribeiro Leão Costa, que registam o Casal a 3-7-1935⁽⁵⁰⁾. Casada esta senhora D. Maria José com Francisco Lage Jordão, é o Miogo hoje de seus filhos.

Esta é a história do Casal de Don Togon do Miogo. Desde 1560 que o acompanhamos tentando espreitar e descobrir estas pedras douradas por muito sol, refrescadas por muitas chuvas, imóveis, enquanto por elas deslizam vidas que devagar se esfolham na eternidade.

de 1845, moço fidalgo com exercício no Paço a 26 de Setembro de 1849, visconde de Santa Luzia a 2 de Abril de 1861, conde em 1887, comendador da Conceição por alvará de 17 de Setembro de 1863. Sepultado em 16 deste mês e ano depois dos funerais na igreja de S. Domingos. » Informação do Director da revista *Gil Vicente*, sr. Manuel Alves de Oliveira.

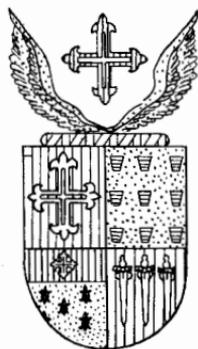
(48) 24-116-L,ª B-69-fls., 52 v.º Conservatória do Registo Predial de Guimarães.

(49) Livro de Notas do Notário de Guimarães, Dr. António José da Silva Basto Jr., nota n.º 219, fls. 63 v.º.

(50) Ver nota 46.

FREIRIA

Foreira à Religião de Malta



E lá no céu divertem-se a entrançar os casais. Primeiro foi o da Freiria com o de S. Gemil. «E no domingo que forão cimquo dias de julho de 1579 Recebi eu fr.^o ferr.^a vigr.^o desta igreja a salvador piz da freiria co hua filha de belchior díz de são gimil por nome m.^a diz e asi Recebi a ant.^o Diz f.^o do mesmo Belchior Diz com hua f.^a de Isabel Gomiz e isto comforme o direito e o sagrado concilio tridentino (1).» Salvador era filho de «Bastião Piz da Freiria que aos 20 dias de

Abril de 1573 se faleceo fez hu test.^o e deixou a sua mulher Isabel Gomes o terço da sua alma e que lhe fizesse...» (2), e irmão de Jorge Gomes que casou para o Miogo.

Entrançam o negro dos lutos, as cores do casamento, o branco dos baptizados: «aos vinte e sete dias do mez de maio de 1582 bautizei eu fr.^o ferr.^a hu f.^o de Salvador piz da freiria e de sua mulher por nome Salvador é padrinho p.^o fc.^o de cimo de villa e madrinha cn.^a f.^a de lucrecia diz do couto (3)». Continua a trança com este segundo Salvador Pires e Maria Francisca, de Santa Eufémia de Prazins, recebidos a 18-2-1610 (4).

Surgem fitas pretas, muito escuras: Maria Dias morre a 4-6-1615, seu marido a 4-8-1622 (5). «Aos nove de agosto de 1662 falleseo m.^a fr.^a m.^{er} de salvador piz da freiria com todos os sacramentos da penitensia e extrema unctione e no dia se fêz officio de dez padres e nove liçois e esmola a cada

(1) Livro Misto n.^o 1 da freg. de São João de Ponte, pág. 48. Arq. Mun. A. Pimenta.

(2) Mesmo livro, pág. 94 v.^o

(3) Mesmo livro, pág. 30.

(4) Livro Misto n.^o 3 da mesma freg., pág. 47. Arq. Mun. A. Pimenta.

(5) Mesmo livro, págs. 72 v.^o e 75.

clerigo de cento e sincoenta reis e offerta costumada » (6), dois anos depois a 7-3-1664, vai também Salvador, seu marido (7).

Mais branco, mais verde carregado de esperança. A filha de Salvador Pires e de Maria Francisca tem o nome da mãe, baptizou-se a 16-10-1616 (8) e conserva este casal. Casa esta a 27-5-1654 (9) com Jerónimo Machado, do Outeiro de Bacorim, desta mesma freguesia, filho de Simão Francisco e de sua m.^{er} Esperança Machado de Miranda, cujos apelidos soam ao fidalgo misturar do sangue dos reis com o sangue da terra.

Jerónimo Machado que na Freiria morre a 4-6-1676 (10) com o sacramento da « pinitencia » e deixa trinta missas rezadas. Maria Francisca que « aos desassette dias do mes de janeiro de mil e seis centos e noventa e sette faleceu da vida presente com todos os sacramentos cabesseira foi interrada no adro desta igreja debaixo do alpendre na sua sepultura não fez testamento seu filho João Machado mandou de offerta hũ Carneiro e duas broas de pães sinco pais brancos de vintem dous quantros de vinho » (11).

Nasce João Machado na Freiria e é baptizado a 19-12-1655 (12). Mais fitas para este entrançar. Casal da Póvoa, Casais dos Poços, Casal de Matos e muitos outros traz na sua árvore Maria Dias que, do Casal de Poço de Baixo, vem para a Freiria a 6-4-1679 (13).

Juntos « estando valentes com saude e todo nosso Juizo perfeito temendo a morte que a todos he geral » fazem o seu testamento. Cortejo de recomendações aos céus e aos filhos.

(6) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 51. Arq. Mun. A. Pimenta.

(7) Mesmo livro, pág. 54.

(8) Livro Misto n.º 3 da mesma freg., pág. 9. Arq. Mun. A. Pimenta.

(9) Mesmo livro, pág. 61.

(10) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 64 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(11) Mesmo livro, pág. 92.

(12) Livro Misto n.º 3 da mesma freg., pág. 85 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(13) Livro Misto n.º 4 da mesma freg., pág. 104. Arq. Mun. A. Pimenta.

«Todos os santos e santas do Reyno do Ceu que intercedam por nós no Tribunal Divino — 30 mil reis de missas gerais que mandara dizer nosso filho João onde melhor lhe parecer e mais varatas lhe disserem» (14). Para o mais velho, João como o pai, vai a fazenda da Freiria, onde vivem, a herdade da Milhova, todo o dinheiro que tiverem, bois, vacas, bestas, todos os animais e «apeirias» e o cargo de dotar os outros irmãos. A cada um dos rapazes, António e José — 300\$000 — e, enquanto não casarem, não querendo estar juntos, a Casa da Senra. «E a nossa filha Jerónima a casa de baixo com a orta e terra p.^a semear hua raza de linhassa, quatro razas de castanhas, duas das devangadas e duas das dos ouriços, tendo mais de hua pipa de vinho para a dita nossa filha sinco almudes de vinho no São Miguel e coatro razas de leinha dous de sobretoro e dous de canhotos isto se emtende emquanto não casar ou fizer mal de sy».

Maria Dias falece a 31-8-1732 (15) deixando sua reserva na Freiria e Poço de Baixo. Só três filhos lhe restam: Maria, há muito casada para o Poço, José e João, o que herdou o Casal.

Já está este, desde 10-7-1724 (16), casado com sua prima em 4.^o grau, Luísa Ribeiro, senhora do Casal de Tojais.

Tojais, Ribeiro, Poço, Requião, Courelas e quantos mais engrössam o entrançado que o céu alegremente teceu durante muitas gerações com os avós de Luísa Ribeiro.

(14) Livro de Óbitos n.º 1 da mesma freg., pág. 57 v.º Arq. Mun. A. Pimenta. João Machado faleceu a 15-12-1719. Este testamento vem na sua certidão de óbito.

(15) Mesmo livro, pág. 239.

(16) Livro de Casamentos n.º 1 da mesma freg., pág. 52 v.º Arq. Mun. A. Pimenta. João Machado e Luísa Ribeiro eram ambos 3.^{os} netos de Salvador Dias e de sua m.^{er} Isabel Fernandes, do Casal de Poço de Baixo, e de Gonçalo Gonçalves e sua m.^{er} Ana Gonçalves, do Casal do Ribeiro, todos da freg. de S. João de Ponte. Um filho dos primeiros, Jerónimo Dias, casou com uma filha dos segundos, Catarina Gonçalves; e um filho dos segundos, Miguel Gonçalves, casou com uma filha dos primeiros, Francisca Dias. Jerónimo Dias e Catarina Gonçalves foram pais de Maria Dias, avó materna de João Machado. Miguel Gonçalves e Francisca Dias foram pais de Catarina Ribeiro, avó paterna de Luísa Ribeiro.

Vão nascendo os filhos. Fixam-se uns à terra, povoando por sua vez outros casais. Alguns, como António Ribeiro Machado, (nascido na Freiria a 11-4-1729)⁽¹⁷⁾, deixam-na por uns tempos. Exerce em Guimarães o ofício de mercador.

Cores, formas variadas, toda a mercadoria esvoaça enquanto a mãe e os irmãos na Freiria vivem. O António casa em Guimarães com D. Inácia Josefa Soares Pereira, filha do Licenciado Veríssimo Soares Pereira. E a 27-5-1754 sua mãe, Luísa Ribeiro, viúva da Freiria, faz-lhe doação⁽¹⁸⁾ dessa quinta e do Casal de Tojais, que ela por sua vez tinha trazido em dote. Vivendo o filho em Guimarães, na Rua da Tulha, na Freiria fica até à morte, em 28-6-1770⁽¹⁹⁾.

Dez filhos tem António Ribeiro Machado. Quase todos de destino triste, leve e curto, como a sua curta vida. Crianças que se calam para sempre antes de encher a casa com as suas gargalhadas. E quatro rapazes, a quem Deus chama para uma vida mais perfeita mas que a morte leva cruelmente. Repousam na Colegiada o Padre António Ribeiro Machado e seus irmãos José António, João e Joaquim, clérigos *in-minoribus*⁽²⁰⁾.

Ao recolhimento do Anjo, acolhe-se, depois da viuvez, D. Inácia Josefa Soares Pereira, com as filhas que lhe restam. Duas saem rápidas desse refúgio, onde a mãe reza na saudade de seus mortos: D. Joana Ventura para casar com um primo co-irmão, e D. Ana Rita, que na Igreja de S. Paio, a 30-11-1802,⁽²¹⁾ se recebe com António José Pereira da Cunha, descendente dos fidalgos Macedos, de S. Salvador do Souto.

(17) Livro de Baptizados n.º 2 da mesma freg., pág. 35 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(18) Nomeação e Doação que faz Luísa Ribeiro, viúva, da freg. de S. João de Ponte, a seu filho António Ribeiro Machado, mercador, e a sua m.er desta villa. Livro de Notas do Tabelião Domingos Ferreira Mendes, de 8-11-1753 a 11-5-1755, pág. 96 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(19) Livro de Óbitos de 1772 a 1898 da freg. de S. João de Ponte. Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

(20) Livro de Óbitos n.º 4 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

(21) Livro de Casamentos n.º 5 da freg. de S. Paio (Guimarães), pág. 21 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

Vai D. Ana Rita viver com o seu marido para o Terreiro da Misericórdia⁽²²⁾, em Guimarães, e aí, a 16-2-1816⁽²³⁾, morre sua mãe. Em partilhas fica-lhe a Freiria e, depois dela, a sua filha D. Luísa Pereira da Cunha, nascida na Rua de S. Domingos, a 28-9-1803⁽²⁴⁾.

É com Domingos António da Silva, ex-cónego e arce-diago de Vila Cova, que D. Luísa entrança o seu destino a 28-4-1836⁽²⁵⁾. Filho de ambos é António Pereira da Silva Leite, o «Freiria», que na casa coloca o brasão que hoje vemos: esquartelado — no 1.º Pereira; no 2.º Cunha; no 3.º Rodrigues e no 4.º Vale, coroado pelo Timbre dos Pereiras⁽²⁶⁾.

E numa noite, a 14-9-1864⁽²⁷⁾, na Igreja escura onde só brilham as velas e a noiva, unido a uma das fidalgas do Arco, D. Ana Emília Leite Correia de Almada, volta o «Freiria» para a Casa-mãe.

(22) Paga de José António de Lima da freg. de Guminhães a António Pereira da Cunha Leite. Livro de Notas do Tabelião Nicolau Teixeira de Abreu, de 13-12-1816 a 28-3-1817, pág. 1. Arq. Mun. A. Pimenta.

(23) Livro de Óbitos de 1802-42 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira, pág. 30. Arq. Mun. A. Pimenta.

(24) Livro de Baptizados n.º 13 da freg. de S. Paio (Guimarães), pág. 36 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(25) Livro de Casamentos n.º 3 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira, pág. 93. Arq. Mun. A. Pimenta.

(26) O Brasão colocado nesta Casa está descrito no Processo de Justificação de Nobreza de Custódio José Pereira da Cunha Rodrigues e Vale, que nele pede para usar as armas de seus apelidos. (Maço 8-C, n.º 22, de 1752, Torre do Tombo, data esta, 1752, que é a que figura no Índice, apesar do Processo de Justificação ser datado de 13-5-1759). Lembra o Ex.º Sr. Sigismundo Manuel Peres Ramires Pinto, que muito amavelmente fez esta pesquisa na Torre do Tombo, que, em vista da diferença das duas datas, tenha a Carta de Armas sido passada antes do incêndio do Cartório da Nobreza (1755). Se assim for, a Justificação de 1759 seria uma 2.ª via.

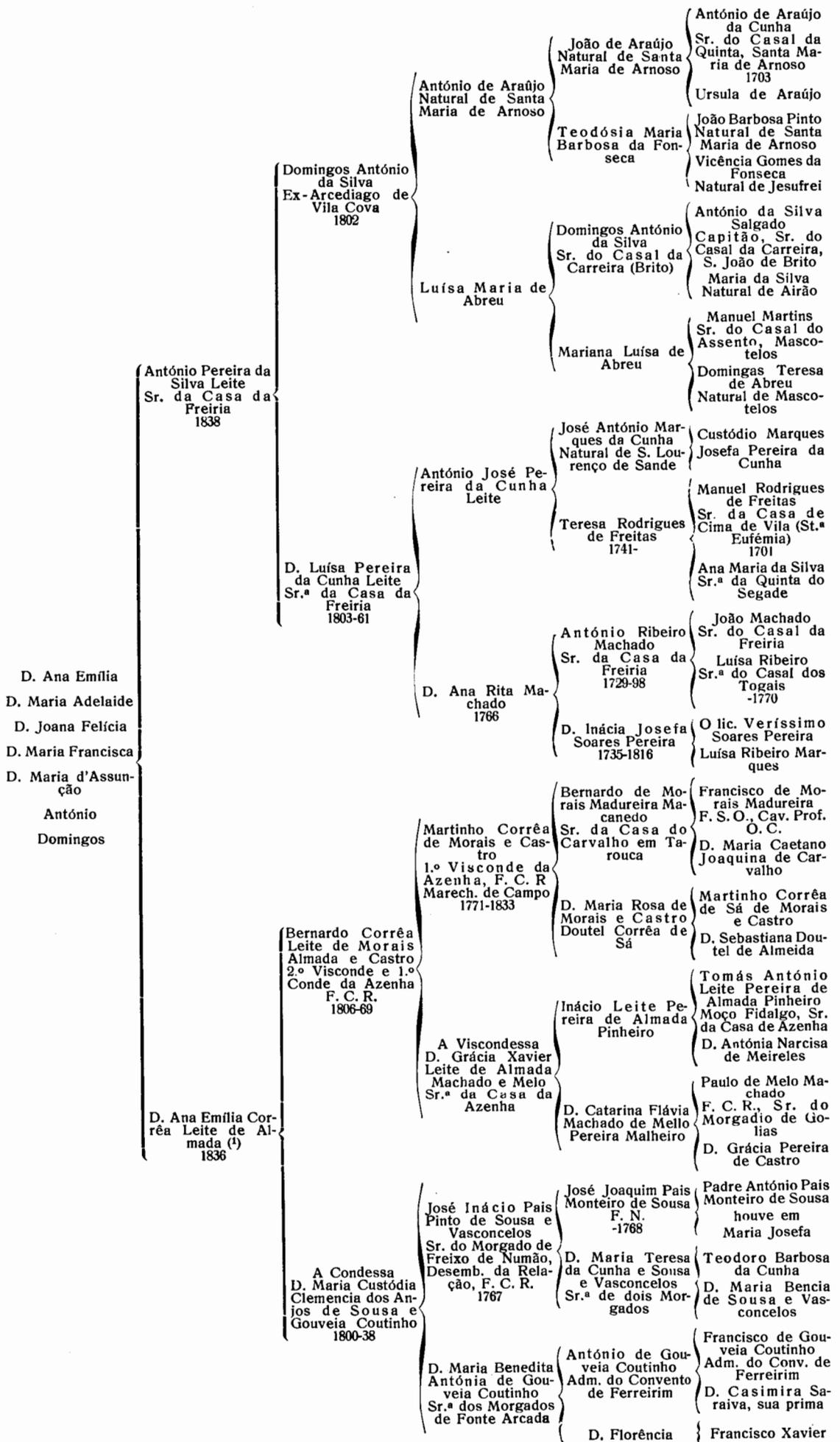
Embora a Família da Freiria não descenda de Custódio José Pereira da Cunha Rodrigues e Vale, é com ele aparentada.

(27) «Velharias Vimaraneses», in-Revista *Gil Vicente*, vol. xv, 1964, pág. 187.



Casa da Freiria

ARVORE III
CASA DA FREIRIA



(1) A ascendência desta senhora foi copiada dos nobiliários.

Nos degraus de pedra, que descem convidativos, sobem seus filhos aqui nascidos⁽²⁸⁾, os da «Freiria», ainda hoje por muitos lembrados. E depois deles os do seu segundo matrimónio com D. Rita de Cássia de Sá Soutomayor Pizarro⁽²⁹⁾.

Nenhum deles fica com esta Casa, que, de pais para filhos, num gotejar límpido e sereno, atravessa os séculos. Corta-se a trança, cujas raízes são fundas e que em tantas flores desabrocha.

Fica a viúva, D. Rita de Cássia, com a Freiria, e passando a 2.^{as} núpcias deixa-a à única filha desse casamento, D. Angélica de Sá Soutomayor Pizarro de Almeida, hoje viúva do grande estudioso e escritor vimaranense Dr. Eduardo de Almeida. Na sua geração continuará, querendo-o Deus, este casal risonho, com o seu jardim de buxo, para onde se vai «Passado a poça, e virando-se depois a direita».

MARIA ADELAIDE PEREIRA DE MORAES

(Desenhos de D. Maria Teresa
Pereira de Moraes)

(²⁸) Foram:

- a) D. Ana Emilia, ° na Freiria a 6-11-1865 casada com Abilio Fernandes Guimarães, seu parente, C. G.
- b) D. Maria Adelaide, ° na Freiria a 29-10-1966.
- c) D. Joana Felicia, ° na Freiria a 4-3-1868, solt.^a
- d) D. Maria Francisca, casada com Manuel Wunderly de Sousa, s. g.
- e) D. Maria da Assunção, ° em 1872, Viscondessa de Viamonte da Silveira pelo seu casamento com José de Viamonte de Sousa da Silveira, 1.º Visconde desse título, C. G.
- f) António, ° em 1873.
- g) Domingos, ° a 15-7-1874, casado com D. Elvira Fernandes Machado, c. g.

(²⁹) Foram:

- h) D. Luísa, Viscondessa de Viamonte da Silveira pelo seu casamento com o viúvo de sua irmã D. Maria da Assunção, C. G.
- i) Francisco, s. g.